

ESCRITORES CEARENSES NUMA FOTO HISTÓRICA

SÂNZIO DE AZEVEDO

Há bem mais de meio século, a revista *A Cigarra*, de São Paulo, estampou uma fotografia que perpetua a reunião de treze escritores cearenses, por ocasião da homenagem que foi prestada em dezembro de 1918 a Olavo Bilac, em sua morte (ocorrida a 28 daquele mês).

Constou a solenidade da declamação de poemas do autor de *Tarde*, por parte de cada um dos intelectuais retratados.

Na verdade, segundo informação de Herman Lima, foram catorze os escritores que participaram da festa, levada a efeito no Teatro José de Alencar. Mas um deles, por motivos desconhecidos, deixou de figurar na foto, uma raridade hoje, representativa de um momento de grande ferveência na vida cultural do Ceará.

O ausente é Irineu Filho. Figura das mais conhecidas em seu tempo, Francisco IRINEU de Araújo FILHO nasceu em Fortaleza, no dia 28 de novembro de 1887, e aqui faleceu em 31 de julho de 1970. Poeta, cultivou o poema lírico, de forma algo parnasiana; mas haveria de notabilizar-se através de seus versos humorísticos, sempre de caráter satírico, que deixou esparsos ou enfiados no livro *Maricas & Maricões* (1912), assinado com o criptônimo Gilberto Flores, e do qual sairia segunda edição em 1915.

Os treze escritores que compõem o grupo são, a contar da esquerda para a direita: em pé, SABÓIA RIBEIRO, SALES CAMPOS, EPIFÂNIO LEITE, MÁRIO DA SILVEIRA, LEONARDO MOTA, HERMAN LIMA, CLÓVIS MONTEIRO e OTACÍLIO DE AZEVEDO. Sentados estão, na mesma ordem, CRUZ FILHO, ALF. CASTRO, ANTÔNIO SALES, BENI CARVALHO e PAULA AQUILES.

Esses nomes, por demais, familiares a quantos se dedicam à literatura cearense, são na maioria estranhos às mais novas gerações.

João Filipe de SABÓIA RIBEIRO nasceu em Jaguaribe, no dia 7 de janeiro de 1898, vindo a falecer no Rio de Janeiro, onde estava radicado há anos. Estreou com *Rosa de Malherbe* (1923), de poesia, publicando em seguida o *Ensaio Nosográfico de Augusto dos Anjos* (1926), tese de doutoramento em Medicina, na Bahia. É autor de *Rincões dos Frutos de Ouro* (1933), e *Contos da Cidade* (1966), bem como do romance *Ascensão de Teresa* (1966). Estudioso da vida e da obra do criador d' *A Normalista*, publicou *Roteiro de Adolfo Caminha* (1958), *Alguns Aspectos de Adolfo Caminha* (1964) e *O Romancista Adolfo Caminha* (1967).

De poesia, publicou, além do primeiro livro, *Primeiros Versos* (1964) e *Versos* (1965). Figura neste último um soneto que, não havendo aparecido no livro de estréia, é entretanto da mesma época, segundo o próprio autor:

RESÍDUO

*Eu mesmo me estranhei que, separados,
Me viesse tanta calma e ânimo forte,
— Ora, afinal (pensava), amor é sorte:
Não fomos um para o outro destinados.*

*As mulheres aí andam em coorte.
Virão outros amores encantados.
Foram passando os dias, descuidados.
E eu demonstrava o mais sereno porte.*



Sentados, da esquerda para a direita: Cruz Filho, Alfredo de Castro, Antônio Sales, Beni Carvalho e Paula Aquiles. Em pé, na mesma ordem: Sabóia Ribeiro, Sales Campos, Epifânio Leite, Mário da Silveira, Leonardo Mota, Hermann Lima, Clóvis Monteiro e Otacílio de Azevedo

*Quando, com a tua letra, às mãos me veio
Uma carta. Qué? Abro-a. Palpitou-me
Algo. Teu nome e outro. "Noivos", leio.*

*Ah, sem querer, chorei naquele dia.
Tive a impressão, lendo-te, ali, o nome,
Que era a segunda vez que te perdia.*

Antônio de SALES CAMPOS nasceu em Tamboril, no dia 24 de junho de 1894, e faleceu em São Paulo, em data que, apesar de recente, ignoramos. Salientou-se como educador, tanto no Ceará como no Sul do País. Aqui, foi Diretor da Instrução Pública, e em São Paulo foi livre-docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, tendo publicado diversos livros didáticos, notadamente no campo da Literatura Brasileira, da qual era professor. Ainda em seu Estado natal publicou *Alameda do Sonho* (1919), sendo organizador da coletânea *A Poesia Cearense no Centenário* (1922).

De seu livro de estréia é o soneto

LENDA MEDIEVA

*Uma lenda, em que esplende, estranha e acesa
A Fé, conta que um frade, emocionado
Pela canção vibrante de beleza
De uma ave, que pousava no beirado,*

*Deixou a sua cela, descuidado,
Acompanhou o pássaro à devesa,
E, ao volver ao convento, (Que surpresa!)
Três séculos haviam-se passado!*

*Também eu, se ouço a tua voz de arminho,
Essa voz branda, que me enleva tanto,
Sigo-te, como o frade ao passarinho;*

*E, como ele, num êxtase tão doce,
Passaria, embebido no teu canto,
Trezentos anos, se possível fosse.*

EPIFÂNIO LEITE de Albuquerque nasceu em Fortaleza, no dia 5 de junho de 1891, e em 24 de abril de 1942 faleceria aqui mesmo. Diplomado pela Faculdade de Direito do Ceará, foi juiz no interior do Estado, e Oficial do Registro de Imóveis em Fortaleza. Começou a publicar poemas em jornais e revistas na primeira década do século, mas demorou a estreiar em livro, com *Escada de Jacó* (1924). Pertenceu à Academia Cearense de Letras.

Um de seus mais famosos poemas figura do livro mencionado: traz notas parnasianas e algo científicistas:

RAIZ

*Quando a seiva nutriz, em contínuos acessos,
Fibras e vasos farta, e a trama fia e cose,
A árvore, desde o caule aos ramos indefessos,
Fruí a glória de ser, em suprema apoteose.*

*Entretanto, a raiz, que trabalha os processos
Da capilaridade, absorção e endosmose,
Se interna pelo chão, se inuma nos recessos,
Para que o esplendor da vida a árvore goze.*

*Raiz, igual a ti — que és um símbolo forte —
Moureja em toda parte a massa humilde e obscura
Dos pequenos, em prol dos eleitos da sorte...*

*Como tu, essa gente anônima se esconde...
E da árvore social, que ela nutre e segura,
Só se canta o esplendor, só se festeja a fronde!*

MÁRIO DA SILVEIRA, que aqui figura no único retrato que deixou, era também de Fortaleza, onde nasceu no dia 17 de setembro de 1899, vindo a falecer na mesma cidade, em 22 de julho de 1921, assassinado a tiros de revólver em plena Praça do Ferreira, vítima de um drama passionai. Residiu algum tempo no Rio de Janeiro, onde encontrou conhecimento

com Raul de Leoni, segundo informação de Mário Linhares. (1) Voltando ao Ceará, iniciou um movimento de renovação de nossa poesia, sendo ele mesmo autor de um poema polimétrico, "Laus Purissimae", prenunciador de algumas notas do Modernismo. Publicou *No Silêncio da Noite* (1916) ainda muito jovem, deixando inéditos seus melhores poemas, que postumamente seriam enfeixados na *Coroa de Rosas e de Espinhos* (1922), livro organizado pelos seus amigos, e prefaciado por Antônio Sales.

Seu mais famoso e porventura melhor soneto figura nesse livro:

10

*Sedenta de ódio, cega de despeito,
Nesta penosa e transitória lida,
A alma dos homens, pérfida e atrevida,
Perde às coisas mais nobres o respeito.*

*Dizem: "Tudo o que sentes no teu peito
Há de um dia passar, — porque na vida
Tudo é incenso sutil, poeira diluída,
O que é terreno é efêmero e imperfeito.*

*Um grande amor é como o resto... A gente
Quando menos espera, logo sente
Apagar-se o clarão da ignota chama."*

*Eu sei que tudo é como o fumo leve:
Foge... mas, porque a vida seja breve,
Há sempre um dia mais para quem ama.*

LEONARDO Ferreira da MOTA nasceu em Pedra Branca, no dia 10 de maio de 1891, e faleceu em Fortaleza, em 2

1) Mário Linhares. *Poetas Esquecidos*. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editores, 1938, p. 263.

de janeiro de 1948. Formado em Direito no Rio de Janeiro, foi por algum tempo notário público em Fortaleza; mas, vendendo o Cartório, iniciou uma série de viagens pelo interior do Estado, estudando a vida e a arte dos sertanejos. Suas pesquisas, que lhe dariam renome como cultor do folclore brasileiro, serviam de material para conferências e sobretudo para os livros que publicou. Brilhou também através do jornalismo, muitas vezes assinando-se Leota. São de sua autoria: *Cantadores* (1921), *Violeiros do Norte* (1925), *Sertão Alegre* (1928), *No Tempo de Lampião* (1930), *Prosa Vadia* (1932) e *A Padaria Espiritual* (1938). Conhecido e admirado não somente em sua terra, mas em todo o País, estava preparando uma história eclesiástica do Ceará quando faleceu. Pertenceu à Academia Cearense de Letras (tendo sido um dos principais responsáveis pela reorganização da entidade, em 1922), e ao Instituto do Ceará.

Em seu livro *No Tempo de Lampião*, cheio de episódios contados com muita graça, há um trecho em que nos fala de suas próprias dificuldades no gênero que abraçou:

O FOLCLORISTA

É um gênero literário de nome infeliz, este a que me devotei. Vezes sem conta, tenho sarapantado empregados de livrarias, perguntando-lhes se têm alguma novidade sobre folclore. Nas pequenas cidades, sobretudo, raríssimos têm noção do que seja este bicho de sete cabeças: folclore. E o mal é sem remédio, porque o termo é insubstituível. Há que metê-lo no entendimento das turbas.

Em Aracaju, o poeta Pires Wynne ofereceu a um servente da estação telegráfica um ingresso para uma conferência minha sobre o folclore nordestino. No dia seguinte, o poeta procurou conhecer as impressões de seu convidado a meu respeito:

— Então, seu Anastácio, foi ontem à conferência do Leonardo Mota?

- *Fui.*
- *E que me diz do folclorista?*
- *Que é que me diz de quê?*
- *Do folclorista. Você gostou do folclorista?*
- *Isso eu não vi não, porque, quando eu cheguei lá, fazia uns cinco minutos que o homem tinha começado...*

HERMAN de Castro LIMA, consagrado contista, nasceu em Fortaleza, no dia 11 de maio de 1897. Trabalhou por volta de 1910 na Fotografia Olsen, sendo mais tarde auxiliar na estrada de Aracati a Morada Nova; transferindo-se para a Bahia, ali se formaria em Medicina. No Rio de Janeiro, onde reside até hoje, haveria de dedicar-se ao jornalismo, tendo sido também Auxiliar da Presidência da República, designado em seguida para a Delegacia do Tesouro em Londres. Publicou *Tigipió* (1924), *A Mãe-d'Água* (1928), de contos, e *Garrimpos* (1932), romance; dois livros de viagem, *Na Ilha de John Bull* (1941) e *Outros Céus, Outros Mares* (1942), além de várias obras sobre caricatura, das quais a mais importante é a monumental *História da Caricatura no Brasil* (1963), em 4 volumes. Como teórico do conto, escreveu *Variações Sobre O Conto* (1952) e *O Conto* (1958). Ultimamente deu nos um belo livro de memórias, *Poeira do Tempo* (1967).

Para dar ligeira idéia de sua força como ficcionista, lembremos o conto "Ventura Alheia", de *Tigipió*: dois irmãos, desde pequenos, são amigos de Isabel; Justino, belo e simpático, e Damião, raquítico e extremamente feio. Com o tempo, a amizade torna-se amor; a moça por Justino. Enciumado, um dia Damião, ao desfazer uma armadilha na mata, vê os dois aos beijos. Termina assim o conto:

Damião, entarrecido, opresso, o cavername do peito num estrupido de forja, estacou vivendo só pelos olhos, olhos de fogo, que davam calafrios, assim luzindo na penumbra. Embora soubesse, havia muito, dos amores dos dois, nunca os vira assim, sozinhos, de par, aos beijos, como dois noivos venturosos. A cabeça ficara-lhe à roda, corriam-lhe manchas

pela vista, sentia-se estrangular de dor. Pelas fontes batia-lhe um pampam de sangue a latejar, tombaram-lhe os braços inertes para o chão, estava de joelhos na areia; a boca escancarada, hedionda, deixava escorrer uma filetação de baba entre a beíçorra. Duas grandes lágrimas doloridas ferviam-lhe nos olhos loucos. Imóvel como um tronco, abatido ao pé da armadilha, ficou assim um tempo enorme, sem sentir, sem viver.

Mas, os dois tinham parado em face da estacada, Justino despedia-se para saltar a cerca.

Então, de repente, num pulo feroz, o rapaz precipitou-se para a arma carregada, calcou com força na forquilha de trás, que a sustinha, alçou assim mais o cano, até pô-lo à altura de visar um homem. E, tudo pronto, — o cordel esticado, os gatilhos abertos, prestes a bater, — agachado ao pé do mato, cauteloso e sinistro como uma sombra maldita, Damião atirou-se a correr pela vereda em fora, como um doido, soluçando de dor e de ódio.

CLÓVIS do Rego MONTEIRO é também de Fortaleza, tendo aqui nascido no dia 10 de setembro de 1898; faleceu no Rio de Janeiro, onde há muito se radicara, em 14 de julho de 1961. Formado pela Faculdade de Direito do Ceará, haveria de brilhar, não no campo jurídico, mas no do magistério de Letras, como professor de Língua Portuguesa e de Literatura Brasileira, chegando a conquistar no Sul do País, em concursos memoráveis, as cátedras de Português das Escolas Técnicas do Distrito Federal, de Literatura da Escola Normal e de Português do Colégio Pedro II, sendo ainda lente catedrático da Faculdade de Filosofia da PUC, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto Santa Úrsula, e da Faculdade de Filosofia do Instituto Lafayette. Foi ainda Diretor do Colégio Pedro II e Secretário Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal. Fez parte da Comissão de Filologia do Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa. Entre outras obras, publicou *Morfologia e Sintaxe do Substantivo na Lín-*

gua Portuguesa (1920), *Traços do Romantismo na Poesia Brasileira* (1929), *Português da Europa e Português da América — Aspecto da Evolução do Nosso Idioma* (1931), *Denominação da Língua Nacional* (1948), *Esboços de História Literária* (1961).

Cultivou também a poesia, sendo de sua autoria o soneto que abaixo reproduzimos.

RENÚNCIA

*Não me vês... Não te vejo... Que mudança
se operou entre nós em poucos dias!
Não me anima sequer uma esperança
das muitas que, sonhando, me nutrias.*

*Sempre estarei longe de ti... Descansa
o coração de tantas agonias.
O amor, inda que forte, também cansa,
e as horas de prazer são fugidias.*

*Volto, por tua paz, ao meu caminho,
sem levar o amargor de uma saudade,
sem deixar a lembrança de um carinho.*

*Se este amor, num de nós, não tem raízes,
é melhor que o arranquemos sem piedade,
antes que nos dê frutos infelizes.*

OTACÍLIO Ferreira de AZEVEDO é de Redenção, onde nasceu no dia 11 de fevereiro de 1896. Não tendo cursado escolas, a leitura dos escritores nacionais e portugueses lhe deu porém relativa cultura literária. Trabalhou desde criança, tendo sido funileiro, porteiro e operador de cinema, copiador de retratos, fotógrafo e, por fim, artista plástico, chegando a consagrar-se como paisagista e retratista, hoje com quadros espalhados por todo o País e até pelo Exterior. Logo que chegou a Fortaleza, trabalhou na Fotografia Olsen, ao lado de

Herman Lima. Como poeta, estreou cedo, antes mesmo de alguns mestres de seu tempo. Publicou *Dentro do Passado* (1916), *Alma Ansiosa* (1918), *Musa Risonha* (1920), *Sugestão do Luar* (1921), *Réstia de Sol* (1942), *Redenção* (1944), *Desolação* (1947), *Útimos Poemas* (1958), *A Origem da Lua* (1960) e *Adágios, Meizinhas e Superstições* (1966).

Seu mais famoso soneto, "Carro de Bois", foi premiado em 3.º lugar num concurso de âmbito nacional, promovido pela revista *Ilustração Brasileira*, em convênio com a Federação das Academias de Letras do Brasil, em 1951. Membro da Academia Cearense de Letras, é autor ainda de um livro de reminiscências, *Fortaleza Descalça*, inédito. Sua poesia é vastamente estudada por Dolor Barreira. (2) E, conjugando certo descritivismo parnasiano a algumas notas de vaguidade e musicalidade simbolista, é este o soneto.

CARRO DE BOIS

*Rodam, tardas, gemendo, as rodas, arrastando
os pesados pranchões de pau-d'arco. Angustiado,
ora altivo e roufenho, ora moroso e brando,
todo o carro de bois é um soluço abafado...*

*À hora viúva e glacial do crepúsculo, quando
o sol desce, o seu canto é tão doce e magoado,
que ora nos prende à terra, ora nos vai levando
na asa de oiro de um sonho a um longínquo passado.*

*Choram, tristes, à frente, os bois mortos de sono...
Há uma vaga tristeza, uma ansiedade em tudo,
e a paisagem dir-se-ia um por de sol, no outuno...
Oh! Natureza-Mãe! sei quanto sofres, pois
vejo, ansioso, rolar todo o teu pranto mudo
pelos bons olhos melancólicos dos bois...*

2) Dolor Barreira. "Otacillo de Azevedo", in *História da Literatura Cearense*. Fortaleza, 4.º vol., Edições Instituto do Ceará, 1962, pp. 525 a 598.

José da CRUZ FILHO veio ao mundo em Canindé, no dia 16 de outubro de 1884, e faleceu em Fortaleza, no dia 29 de agosto de 1974, quase aos noventa anos de idade. Fez os primeiros estudos num colégio religioso da cidade natal, do qual seria professor mais tarde. Não chegou a cursar escola superior, o que não o impediu de formar sólida cultura humanística. Em 1903, com Augusto Rocha e Tomás Barbosa, fundou o primeiro jornal de sua terra, *O Canindé*, onde surgem seus primeiros versos, sob o pseudônimo Climério Várzea. Apesar de haver começado muito cedo a publicar poemas em periódicos não somente do Ceará, mas até do Sul do País, iria estreiar em livro aos 40 anos de idade, com os *Poemas dos Belos Dias* (1924). Sempre refundindo seus versos de feição parnasiana, com sopros simbolistas, publicou ainda *Poesia* (1949) e por fim *Toda a Musa* (1965). Em prosa, deixou-nos *História do Ceará* (1931), *O Soneto* (1961), importante monografia de repercussão nacional, da qual deixou os originais de uma edição melhorada, e *Histórias de Trancoso* (1971). Estão inéditos os livros *Poemas dos Dias Idos* e *O Cisne de Leda*, este de contos. Membro da Academia Cearense de Letras, foi eleito em 1963 Príncipe dos Poetas Cearenses. Justamente célebre é o seu soneto que transcrevemos, vazado nos moldes da estética parnasiana; eis a forma definitiva, confiada ao autor destas linhas:

A ILUSÃO DO SAPO

*Aos pinchos, pela noite, hesitante e moroso,
O batráquio surdiu do grande charco à borda,
E quedou-se, a cismar, como quem se recorda
De algo que se esvaiu num passado brumoso...*

*Ao fundo, onde do céu, que de nuvens se borda,
Reflexa a imagem vê — pelo ceu bonançoso,
Vê da lua pairar o esferóide radioso,
E o repulsivo ser de júbilo transborda...*

*Quedou-se, acaso, ali, todo perplexo. Ao centro,
A tentá-lo, a ilusão do orbe lunar flutua,
E ei-lo, que apresta o pulo e se arroja lá dentro!*

*E a água logo ondulou, entre chispas cambiantes,
Num naufrágio de luz, em que perece a lua,
Dissolvida em cristais, topázios e diamantes...*

ALF. (Alfredo) de CASTRO nasceu em Pernambuco (em 30 de novembro de 1873), mas no Ceará produziu o melhor de sua obra literária, vindo a falecer em Fortaleza, no dia 1º de abril de 1926. Transferido para nosso Estado em 1895, exerceu o cargo de juiz no Aracati, sendo mais tarde nomeado Procurador da República no Ceará. Publicou *De Sonho em Sonho* (1906), de poemas, que só muito palidamente deixa entrever o parnasiano impecável que seria mais tarde, como o atestam os sonetos de seu livro inédito *Ocaso em Fogo*, cujos originais passaram das mãos de Cruz Filho para as de quem subscreve estas notas. É ainda autor da Conferência *O Poeta e a Poesia* (1913), e praticava o estudo crítico. Era membro da Academia Cearense de Letras. Um de seus mais conhecidos sonetos, que por sinal não é dos mais parnasianos, pela emoção que o enforma, intitula-se:

POMO DE ASFALTITE

*Pobre de ti! Jamais o cobiçado fruto
Hás de, alegre, colher no galho, que balança:
Alta é a fronde que o tem, veludoso e impoluto,
E és pequeno demais. Tua mão não o alcança!*

*Não poderes crescer e avultar num minuto
Para tirá-lo! Em vão, que a viridente frança
Há de crescer também e — oh! desespero e luto! —
Há de o pomo fugir à tua mão, que avança.*

*Mas pudesses colhê-lo... Em breve, quando fosses
Mordê-lo, em tua boca ansiosa, que o reclama,
Prelibando o sabor dos seus gomos tão doces,*

*Esse fruto de pele em sangue e ouro embebida,
Desfazendo-se em fel, desfazendo-se em lama,
Havia de amargar por toda a tua vida!*

ANTÔNIO SALES é sem dúvida um dos maiores vultos de toda a literatura cearense. Nasceu no Parazinho, em 13 de junho de 1868, e faleceu em Fortaleza, no dia 14 de novembro de 1940. Poeta e prosador (cultivou o romance, o conto, o ensaio e o memorialismo), foi o idealizador da famosa Padaria Espiritual, em 1892, na qual foi figura de proa. Viveu vários anos no Rio de Janeiro, tendo ali convivido com os escritores que fundaram a Academia Brasileira de Letras, dela não participando, conta-se, por modéstia. De poesia, publicou *Versos Diversos* (1890), *Trovas do Norte* (1895), *Poesias* (1902), *Minha Terra* (1919) e *Panteon* (1919). Postumamente foram editados *Águas Passadas* (1944) e *Fábulas Brasileiras* (1944). Em seu primeiro centenário de nascimento, a Secretaria de Cultura do Ceará publicou sua *Obra Poética* (1968), organizada por Braga Montenegro, com apresentação de Otacílio Colares e notas de Sânzio de Azevedo. De prosa, além de inúmeros contos e artigos espalhados por periódicos, deixou o romance *Aves de Arribação* (1914) e os *Retratos e Lembranças* (1938), reminiscências literárias. Pertenceu à Academia Cearense de Letras, da qual foi Presidente e Presidente de Honra. Um de seus sonetos mais interessantes, adiante reproduzido, trai influência da escola parnasiana mas sem aquela impassibilidade da ortodoxia francesa:

OS BRAÇOS DE VÊNUS

*Vi-te passar um dia pela rua,
Sem ter nos braços uma simples renda,*

*E é bem deixes que essa carne esplenda
Ao sol, branca, marmórea, fria e nua.*

*Ora, uma Vênus há (que se insinua
Como um tipo de plástica estupenda)
À qual faltam os braços... E essa prenda
Não há um artista que lha restitua.*

*Quem sabe o gesto dos partidos braços?
Demais, quem braços tem que de modelos
Possam servir aos prófugos pedaços?*

*Tem-los tu (escultores, vinde vê-los!)
De tão perfeita correção de traços,
Que a própria Vênus quererá tê-los!*

BENI (Benedito) Augusto CARVALHO dos Santos é do Aracati, onde nasceu em 3 de janeiro de 1886, vindo a fechar os olhos no Rio de Janeiro, em 22 de janeiro de 1959. Diplomado em Direito no Recife, distinguiu-se como criminalista, tendo sido catedrático da Faculdade de Direito do Ceará. Foi Deputado Federal, bem como Interventor Federal no Estado, em 1945 e 46. Era membro da Academia Cearense de Letras, e entre outras obras deixou *Causas Derimentes e Flagrante Delito* (1917), *Morfologia e Sintaxe do Substantivo Português* (1920), *Le Droit et la Sociologie* (1920), *Na Casa de Tiradentes* (1931), *De Florete e de Luvas* (1935), este último de polêmica. Seus poemas estão reunidos no livro *Chama Extinta* (1937). Exerceu ainda o magistério como professor de Português nos Colégios Militares do Ceará e do Rio de Janeiro.

Inspirado em famoso quadro de Ticiano, escreveu o soneto:

MAGDA

*Colo desnudo em flor, lábio entreabertos em prece,
Olhos no alto, exorando o perdão de seu crime,
Magdalena, a ofegar, toda em febre aparece...
E o almo encanto da Vida e do Pecado exprime.*

*Perscruta o coração, que o Amor, voraz, oprime;
Sente-lhe a luta, e a dor que, dentro d'alma, cresce...
E, a cada pulsação que lhe o peito oprime,
Os delírios sensuais, em prantos, amortece.*

*Em fogo o olhar, tremendo a voz, a mente em brasas,
Desnastrado o cabelo em ondas de veludo,
Demanda o Azul, assim, nessas formosas asas...*

*Enquanto, aos céus, contrita, a suplicar, exangue,
Mostra os duros punhais dos seios pontiagudos,
Ainda quentes de amor, ainda rubros de sangue!*

Francisco de PAULA AQUILES, como Alf. Castro, não era cearense. Nasceu no Mato Grosso, em 4 de maio de 1889, e faleceu no Rio de Janeiro em 26 de junho de 1955. Vindo ainda muito moço para Fortaleza, participou ativamente de nossa vida literária, publicando aqui seus primeiros livros de poesia. Serviu na Capitania dos Portos do Ceará e, no Rio de Janeiro, seria professor de História Geral do Instituto de Educação, e de Latim no Colégio Militar, exercendo ainda, durante algum tempo, o cargo de Diretor do Departamento de Imprensa Nacional. Jornalista militante, foi redator d'O Estado, um dos mais importantes jornais de Niterói, e pertencia à Academia Fluminense de Letras. Entre outras obras, publicou *Bíblia de Amor* (1909), *Torre de Babel* (1911), *Ave, Luz* (1915), *Luz Tropical* (1929), *Outono Que Vai Passando...* (1946), e *Silêncio do Meu Destino* (1949). Em 1910 fez parte, aqui em Fortaleza, da Academia Rebarbativa, interessante agremiação a que também pertenciam Carlos Severo, Gil Amora, Luís e Genuíno de Castro. Apesar de aqui haver pro-

duzido grande parte de sua obra poética, não figura em nenhuma coletânea da poesia cearense.

Poeta de difícil classificação dentro de uma corrente estética, sua arte às vezes mergulha em devaneios de ordem filosófica, tal como ocorre no soneto intitulado

VACUO

*Crânio cheio de luz, que assim borboleteias
De problema em problema, acrisolado e forte;
Que tens o sangue em fogo a te esaldar nas veias,
E vais por muito além, num rígido transporte:*

*Não mais prosseguirás. Vergando o airoso porte,
Curvado a esse fragor da cisma em que te anseias,
Verás que a própria vida, em meio à própria morte,
É um deserto brutal perdido entre as areias...*

*Paralisa o teu ser em torno esse infinito
Vácuo que se derrama e que tu julgas pouco
As investigações do teu ciclo maldito!*

*Perscruta... E que te importa os mistérios extremos
Se entre eles, repartido, existes como um louco
Ouvindo as vibrações das coisas que não vemos?*

Dos catorze que fizeram a festa em honra de Olavo Bilac, treze dos quais deixaram sua imagem perpétuada para a posteridade pelo milagre da fotografia, vivem apenas dois: o prosador HERMAN LIMA e o poeta OTACÍLIO DE AZEVEDO, justamente os dois que, juntos mourejaram algum tempo na Fotografia Olsen, nos primeiros anos do século...

E o certo é que essa fotografia pode seguramente ser classificada como histórica, uma vez que, reunindo tantas e tão expressivas figuras das letras cearenses, representa, como já dissemos, um momento de grande ebulição na vida intelectual de nossa terra, há mais de meio século.